



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÉ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

Mais um ataque ao espaço do DCE e ao movimento estudantil da USP

Por décadas, o espaço que fica entre os prédios da reitoria e do Crusp, ao lado do Bandeirão central, esteve sob controle estudantil, gerido pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). Em 2005, sob o pretexto de uma reforma, a burocracia universitária tomou o espaço, com a concordância da gestão do DCE (PSol), ficando fechado até 2009. Nesse ano, com uma decisão de assembléia, o movimento estudantil o reocupou, firmando uma posição de autonomia em relação à reitoria.

O plano da burocracia era transformá-lo num “centro de vivência”, que contemplaria uma lanchonete privatizada e outros serviços. A ação representava uma ingerência da reitoria e estava inserida num quadro mais amplo de ataque aos espaços dos estudantes, política que perdura e se estende por toda universidade. Basta lembrar a ação do ex-diretor da FFLCH, Gabriel Cohn, que tomou o “porão”, local onde tradicionalmente os estudantes se reuniam, concretando a passagem com uma laje.

A retomada do espaço do DCE se deu contra a posição da direção estudantil, à época nas mãos do PSTU. No ano seguinte, uma nova gestão do PSol fez aprovar no X Congresso dos Estudantes uma proposta que retirava das assembléias gerais o poder de decidir sobre o espaço, uma manobra necessária para, via Conselho de Centros Acadêmicos (CCA), fechar um acordo com a reitoria para a sua administração. Aos estudantes restaria, de fato, apenas a tradicional sala para reuniões. O contraste com a decisão tomada pela assembleia em 2009 é evidente.

Agora, em plenas férias, o reitor-interventor Rodas empreende novo ataque sobre o espaço. No dia 05/01/12 à tarde, a PM ameaçou alguns jovens que estavam acampados no prédio do DCE, usando armas de fogo, exigindo sua retirada até à noite. Os jovens, diante da violência injustificada, foram embora. Quando a polícia retornou, cumprindo a ameaça feita horas antes, não havia quem reprimir.

No dia 06, a Guarda Universitária, com o auxílio da polícia, veio ao local. Dessa vez, com o intuito de fechar o espaço. Pouco antes, o próprio Rodas (reitor) e Waldyr A. Jorge (coordenador da Coseas) estiveram no local. Quando estes foram embora, alguns trabalhadores contratados começaram a levar todos os móveis, a geladeira, o freezer e demais objetos e a fechar as entradas do DCE com tapumes. Frente à resistência de alguns camaradas, a Guarda partiu para a agressão,

atingindo inclusive uma estudante grávida. Para garantir que ao menos uma entrada ficasse livre, algumas dezenas de estudantes permaneceram em vigília.

No dia 09/01, a polícia terminou de lacrar o prédio do DCE, soldando as portas de ferro da entrada que ainda permanecia aberta e pregando tapumes no lado de dentro. Novamente, um estudante foi agredido pela polícia: ser negro e não ter a aparência que o estereótipo do estudante da USP que habita nas mentes dos policiais foi o motivo para ser agredido covardemente. Uma estudante também foi agredida por fotografar o agressor, que inclusive escondera sua identificação quando um estudante perguntou seu nome. Ambos acontecimentos foram filmados e divulgados pelo movimento.

A ação da Guarda Universitária e da PM apenas engrossa o caldo da repressão ao movimento estudantil na USP, que em 2011 chegou a patamares bem elevados, com confrontos sob balas de borracha, gás lacrimogêneo, spray de pimenta, 73 presos (desocupação da reitoria), eliminação de 8 estudantes, dentre outros ataques. O caso da USP está inserido num quadro geral de repressão a todos que se levantam em resposta às condições impostas pela crise do capitalismo.

Os estudantes precisam se organizar para resistir a mais essa ofensiva, retomando seu espaço. Embora em período de férias, não podemos nos dispersar, pois isso favorecerá a burocracia universitária. Não podemos aceitar ingerência alguma, rechaçando qualquer acordo que comprometa a autonomia estudantil. A posição da Corrente Proletária Estudantil é que o comando de greve da USP deve se reunir extraordinariamente para tratar desses últimos acontecimentos.

A autonomia do movimento estudantil sobre seu espaço deve ser defendida. Esse espaço está ligado às mobilizações dos estudantes em defesa da universidade pública e gratuita. A imprensa tem feito uma campanha torpe, afirmando que o espaço só serve como morada de drogados e lumpens, assim como acusa a greve de ser coisa de baderneiros e maconheiros. Não é à toa que justamente no momento em que os estudantes estão em greve contra a presença da PM no campus e contra a repressão política é que a reitoria ataca o espaço estudantil. Agora, é preciso unir a defesa da autonomia dos estudantes sobre seu espaço, que se traduz no seu uso para impulsionar a própria mobilização e organização estudantil, à luta mais geral contra a repressão.